

# Campus

Jornal-Laboratório  
do Departamento de  
Comunicação da UnB

nº 95  
2ª quinzena de  
Junho de 1986

# UnB

## EM BUSCA DAS ORIGENS Educação para todos!

Pág. 3

## Eleições no C.O.

Pág. 2

## Direito: nova fase

Pág. 6

## Engenharia Florestal pode parar

JUAREZ LIBAINO MARTINS

A contratação de novos professores, a criação do Departamento de Engenharia Florestal e a implantação do currículo novo, constituem o tripé básico de reivindicações dos alunos da Florestal, para que o curso possa funcionar no segundo semestre de 86. Paulo Ernane, Presidente da CA de Engenharia Florestal, afirma que os alunos estão mobilizados e em pé de guerra, e o curso não funcionará no próximo semestre sem a contratação de novos professores. O Reitor Cristovam Buarque, foi surpreendido semana passada, pela invasão do seu gabinete, quando os alunos do departamento, mostraram sua insatisfação.

Para Benício de Melo Filho, aluno da Florestal, a contratação de mais 12 professores, resolve não só a necessidade mínima dos alunos, pois 15 disciplinas não são oferecidas há muito tempo, bem como a criação do departamento que exige o mínimo de 20 professores, para a sua efetivação.

A situação atual não é nova na Engenharia Florestal; dos sete professores, um está fazendo doutorado em Campinas e outro está em vias de ser cedido para outro curso. A última reunião do colegiado, decidiu pela cessão do professor. Essa questão terá um parecer definitivo na reunião do Conselho Departamental da Faculdade de Tecnologia.

Os cento e cinquenta alunos do departamento esperam a solução dessa pendência o mais rápido. O Reitor concordou com uma reunião entre ele, alunos e professores, para a 1ª semana de julho. Paulo Ernane espera que até lá o quadro tenha-se modificado e que já no próximo semestre as reivindicações básicas estejam sanadas em parte ou no melhor dos casos no seu todo.

## A difícil trajetória dos sem-terras

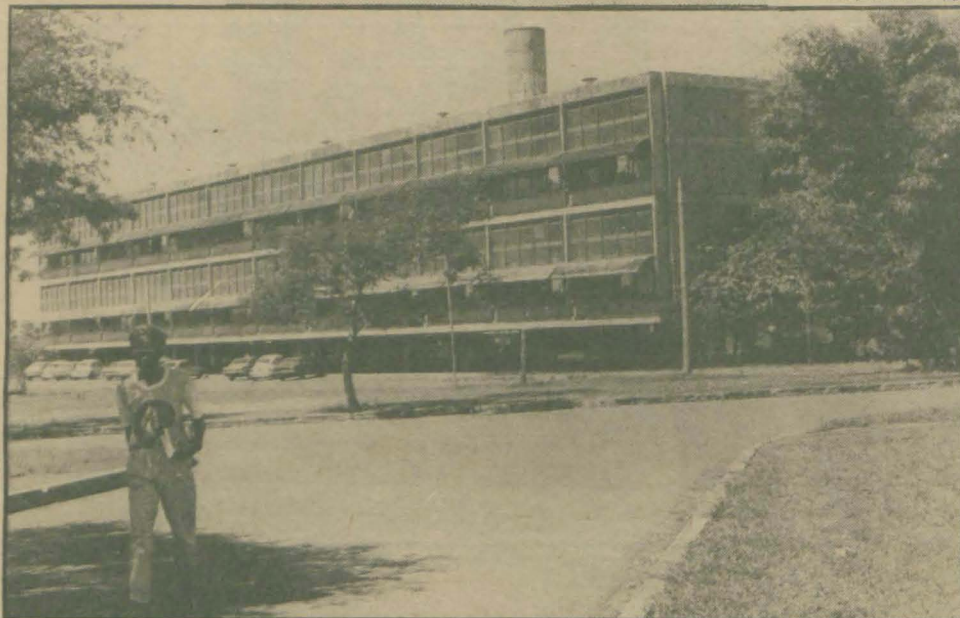
Sexta-feira, dia 20, 60 posseiros da Região do Bico do Papagaio tomaram o anfiteatro 9 e denunciaram a demagogia com que o presidente José Sarney vem tratando o conflito na região. 300 posseiros já estão em Brasília e desta vez dispostos a ficar até conseguirem uma solução, todos eles inspirados no sangue do seu mártir, o padre Josimo. Eles representam 2.224 famílias, ou melhor 11.200 pessoas que lutam pela regularização da terra e querem justiça pelos companheiros assassinados, pelas casas queimadas, plantações destruídas, a água envenenada, além das constantes agressões e ameaças.

Margarete Vitória



## C.O.

Nathalia Kneipp



Distante de tudo, a própria situação geográfica marginaliza o alojamento

## Eleição injeta novos ares no alojamento

IVAN MARINOVIC BRSCAN

Conviver numa casa onde circulam os mais diversos tipos de ideologias, costumes, raças, crenças e opiniões pode não ser fácil, mas os moradores do C.O., que vivem essa experiência, têm muitas coisas em comum: são todos estudantes e querem ter um convívio agradável, diverso, saudável e louco. Garantir este convívio é a proposta da chapa Gota d'água, encabeçada pelo estudante de Processamento de Dados, João Nelson, única concorrente e vencedora das eleições dias 19 e 20 de junho para a diretoria da AMAE — Associação dos Moradores do Alojamento Estudantil.

A organização, pelos estudantes do alojamento, de uma associação de moradores não foi tarefa fácil e tem a sua história: segundo conta Nelson Formaggio, o Queijo, fundador da associação e seu primeiro presidente, em debate organizado pela chapa Gota d'água, a AMAE nasceu das comissões. Havia a Comissão da Festa, Comissão de Iluminação, Comissão do Banheiro, quando era preciso reivindicar melhor alimentação ou protestar contra o aumento do preço.

Mas a idéia da associação começou a tomar força mesmo com a Comis-

são do Café da Manhã. Ela era formada por gente corajosa que levantava às 4:30 da manhã e benevolamente preparava o café para os seus quinhentos moradores. O café improvisado era o ponto de encontro, de informação, onde eles discutiam a água que faltava, a iluminação que devia existir no caminho do minhocão para o alojamento que eles chamam de "transceolina" ou "transceolitária", o ônibus que fura horário e etc... E do café da manhã foram surgindo os primeiros passos da Comissão pró-AMAE. Por fim eles acabaram por tirar o estatuto e a Associação saiu, em meio a festa, no mês de julho de 83.

"No começo era o caos", dizia o Queijo. Se fazia plantão para se falar com o reitor Azevedo. Com muitos entraves eles fundaram a cantina na base da autogestão e os problemas eram muitos: o cantineiro não vinha, o padeiro não queria entregar o pão em lugar longe, a caixa furava. Um outro problema importante da AMAE era a luta para melhorar a imagem do C. O. Os "ceolinos" não são marginalizados apenas pela administração, mas, também, pela comunidade acadêmica e até pela imprensa. Quanta gente evita aparecer no alojamento porque lá tem

droga, homossexuais, ou as meninas são putas? Na polêmica que estourou sobre o debate da maconha, o C. O. foi citado, através da imprensa, como centro de tráfico, pois os traficantes se sentem protegidos no Campus. Lamentável engano.

É curioso, nesta Universidade elitizada, a facilidade com que se criam estereótipos em cima de uma comunidade menos favorecida ou a tendência a generalizar: se uma árvore está doente, já é motivo para se dizer que a floresta toda está bichada. Se é que podemos chamar o homossexualismo ou o 'baseado' de doença. Mas uma coisa é certa, o mal que dizem afligir o C. O. existe em qualquer super quadra de Brasília e até na Península dos Ministros.

Enfim, os moradores do C. O. não querem que o Alojamento deixe de ter sexo, homossexual ou drogas, afinal, é preciso respeitar a individualidade. Através da organização da sua associação, e da nova gestão que se inicia eles querem mostrar que homossexual sabe fazer arte e é inteligente, aquele que curte o seu 'baseado' é humano e participativo além de inúmeras outras qualidades e que o sexo é bom, saudável e necessário, senão vocês não estariam aqui para ler esta matéria.

O que importa é que todos estão a fim de conviver preocupados com o nível da sua moradia, eles buscam o respaldo da AMAE (o quórum da eleição ultrapassou 60%), com uma nova gestão que promete muitas festas, promoções sociais e principalmente, vontade de viver juntos.

**"A comunidade acadêmica e a administração discriminam o C. O.. Quando eles precisam cortar alguma coisa, de algum lugar, o alojamento é o primeiro que eles pensam para contenção de despesas".**

## Sem terra, sem verba, sem justiça, sem...

IVAN MARINOVIC BRSCAN

Sexta-feira, dia 20, após um debate organizado no anf. 9, pelo Grupo de Estudos Universitários, animado pela Comissão Pastoral da Terra, com a presença do padre Ricardo e de 60 posseiros do Bico do Papagaio, os participantes se dirigiram ao Planalto para ver o presidente José Sarney descer a rampa.

Sem se manifestarem, os posseiros apenas assistiram, calados, a um verdadeiro "ato litúrgico". Os Dragões da Independência desfilaram impecavelmente diante do público emocionado com o espetáculo, devidamente animado por uma banda militar. Os turistas e moradores das cidades-satélites não perderam a oportunidade de manifestar o agrado e aplaudiram fortemente. Os posseiros ficaram imobilizados, sabendo apenas que havia algo de errado com esse espetáculo e com os artistas que o compõem.

São 60 lavradores, os primeiros de uma leva de 300 que estão para chegar, vindos de 48 áreas de conflito no norte de Goiás, sudoeste do Para, e sudeste do Piauí. Eles representam 2.224 famílias, ou seja, 11.200 pessoas que lutam pela regularização da terra inspirados no sangue do seu martir, o padre Josimo Moraes Tavares. Dessa vez, eles prometem que não voltarão apenas com promessas, como já fizeram quatro vezes. Eles querem soluções verdadeiras: a desapropriação das terras devolutas e sua regularização, além de abertura de inquérito e a punição dos responsáveis, inclusive intelectuais, dos crimes cometidos.

Durante os debates, o padre Ricardo e os

posseiros presentes, com tarja de luto, não cansaram de evocar a memória do padre Josimo, assassinado pelo pistoleiro Geraldo, já preso, a mando do fazendeiro Nenê que continua livre e impune.

A demagogia da ação governamental foi denunciada durante o debate pelos pistoleiros. A visita de Sarney à região do Bico do Papagaio de nada serviu e o desarmamento feito pelas autoridades foi inútil, pois os latifundiários e pistoleiros foram informados da operação com um mês de antecedência. Tiveram tempo suficiente para esconder as armas. "Todavia, mesmo que as tivessem perdido, eles têm recursos para comprar quantas quiserem", diz padre Ricardo.

Essas famílias, que têm suas terras ameaçadas, já estão assentadas nelas há dezenas de anos e algumas há mais de um século. O conflito começou quando empresas e grandes proprietários se apresentaram como donos da terra, queimando as casas, destruindo as plantações, envenenando a água e eliminando sumariamente os recalcitrantes. Doze lavradores já foram mortos nesta área. Eles não contam com a justiça apesar de terem a lei ao seu lado. Dos vários criminosos, apenas um, Geraldo, está preso. Nenhum mandante foi condenado.

Segundo padre Ricardo, 20 milhões de hectares de terras estão nas mãos de apenas 20 proprietários rurais de todo o País. Estas terras dariam para assentar mais de 400 mil famílias, com 2 milhões de pessoas beneficiadas diretamente e outras 2 milhões indiretamente.

Os posseiros, padres e a população da área

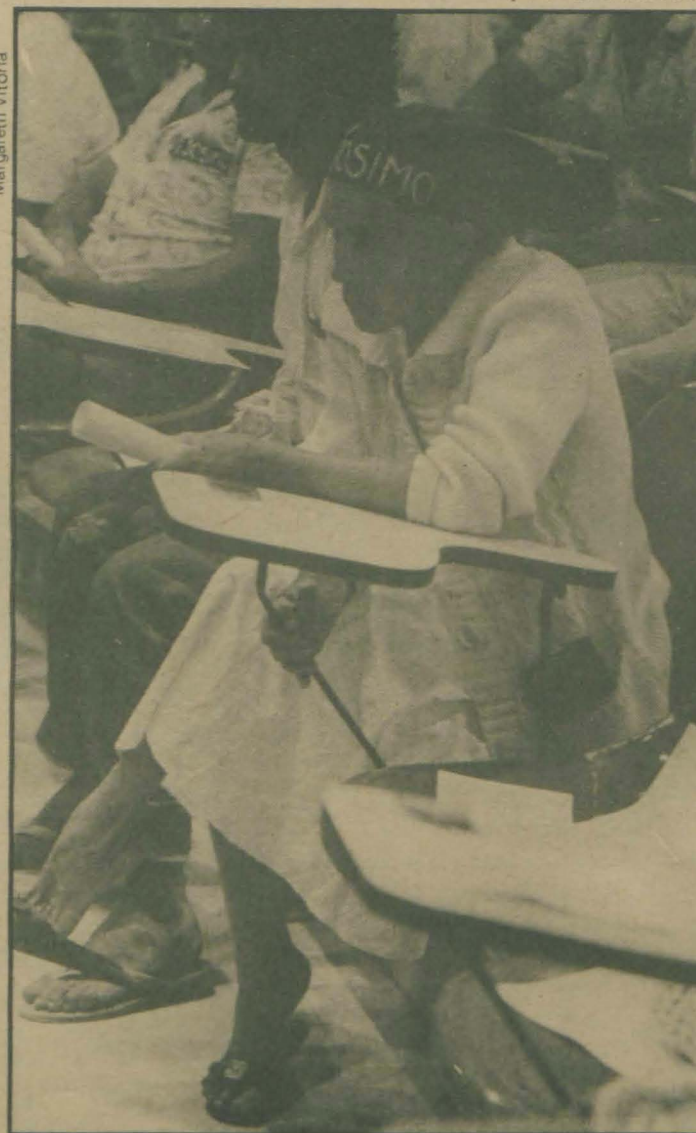
de conflito são unânimes em afirmar: "Após a criação da UDR — União Democrática Ruralista, os crimes, desapropriações sumárias, destruições de casas e lavouras, ameaças e agressões aumentaram. Em Esperantina, município de São Sebastião, no Tocantins, o próprio prefeito, José Carneiro, lidera o movimento contra os posseiros e vereador Davi é o suposto instigador da morte do padre Josimo.

Em suma, os posseiros têm a Igreja a apoiá-los, através da Pastoral da Terra, cuja sede está localizada em Gurupi, norte de Goiás. Eles contam também com diversos sindicatos de trabalhadores pela região. Mas falta a mão firme do Poder Judiciário, a decisão de regularização das terras pelo Poder Executivo e verbas, pois os 12 bilhões de cruzados pedidos pelo recém-empossado Ministro da Reforma Agrária, Dante de Oliveira, foram negados pelo Ministro Dilson Funaro. No momento quase lhes restam apoio retórico vindo das mais diversas fontes, até do papa João Paulo II, que em sua visita ao Brasil afirmou: "Sobre toda a propriedade particular pesa uma hipoteca social".

**D. Cota, lavradora, 56 anos, 14 filhos, sob ameaça do prefeito Zé Carneiro**

### "Sob toda propriedade particular pesa uma hipoteca social"

Papa João Paulo II



Margareth Vitória

# MARIA DO BARRO

## Fazer da terra: arte, vida, pão

CLAUDIO TOURINHO

Maria Augusta Erjch de Menezes. Quem? Maria do Chão, da Terra, da Verdade. Maria do Barro. Maria que não quer ver morrer a tradição que carrega em suas mãos uma história. "Quero contar minha história". E, assim, ela vai ensinando as pessoas a guardar um segredo milenar. "Quero extrair da terra todo o conhecimento. O homem se distanciou deste conhecimento". E, então, Maria — que agora é de todos — faz arte, vida, pão. E traz para a universidade a memória e a linguagem do caboclo no-chão. No barro. A verdade vem do chão".

As alunas de Maria do Barro com a "mão na massa"



Marcelo Feijó.



As paredes do Desenho sentem, respiram e mostram arte

JUAREZ LIBAINO MARTINS

O uso de materiais naturais como a argila da região, as sucatas (restos de madeiras) para a queima do barro, novas experiências em cerâmica vitrificada, a utilização de corantes de raízes, bem como, uma nova postura em relação ao trabalho em cerâmica, são objetivos do curso de extensão que o Departamento de Desenho promove com a ceramista autodidata Maria do Barro.

"Fazer da Terra: Arte, Vida, Pão", é o nome do curso. No início, a preocupação é o estudo da parte teórica, e depois, a feitura dos testes com os tipos de argila do DF. Em todo o momento o objetivo é a utilização de materiais naturais e a experimentação ao máximo dos mesmos (descobrir os tipos de argila, estudar a composição, e por fim, a necessidade de acrescentar algum elemento, para melhorá-la).

### Outras etapas

Os 60 alunos que fazem o curso, com proposta de duração de dois anos, têm pela frente a construção do Galpão (oficina) na maquete do Desenho, todo em barro e madeira, projeto de Tânia Regina Fraga da Silva, ceramista e arquiteta, que é a executora do projeto. A construção do primeiro módulo desse galpão servirá não só como experiência prática e concreta de trabalho, mas também será uma estrutura definitiva, para futuros cursos.

O material para construção (tijolos, madeiras) será produzido pelos alunos. As ferramentas e todos os materiais necessários ao funcionamento da oficina serão criados pelos alunos com a orientação de Maria do Barro. O segundo módulo, o curso de Cerâmica Cabocla, onde se pretende a discussão e todo o tipo de experiência nessa área. No terceiro o curso de Cerâmica de Torno, e no último o curso de Escultura.

### Experiências

O curso está buscando um contato maior com áreas afins e que possam auxiliar no conhecimento dos materiais encontrados na região de Brasília. Dessa forma a Geologia, a Botânica e o IBDF foram contratados.

Nivalda Assunção de Araújo, aluna do Desenho e monitora do curso de extensão, estudou com Maria do Barro, em curso promovido pelo SESI (Serviço Social da Indústria), no Gama. Para Nivalda, a experiência foi boa, e oito alunos do curso, formaram o grupo "Keramos", que significa cerâmica em grego, montaram um atelier e continuam a trabalhar o barro.

A cerâmica como arte, educação e utilitária, pode assim avançar e contribuir ainda mais, não só como enfeite, adorno e utilitária, mas inclusive nas construções de casas.

## Alfabetização e consciência do mundo

ANDREA CHAGASCERQUEIRA

Alfabetização é a leitura do mundo. Essa máxima de Paulo Freire está servindo de inspiração para a realização do Programa com os Servidores da UnB para Educação Supletiva (PRO-SERES). A professora Marialice de Carvalho Pitaguary, da Faculdade de Educação e uma das coordenadoras do Programa, afirma que o objetivo inicial foi modificado por sugestão dos próprios alunos (cerca de 100 funcionários da UnB), passando agora a ter caráter mais profissionalizante. Segundo a professora o programa dará preferência à cultura popular com o objetivo de estimular a conscientização, valorização do ser humano e a consciência crítica dos funcionários.

Para Marialice, esse programa

terá um alcance político e social imensos, além de acadêmico. "É uma necessidade urgente, já que mais de cem funcionários se inscreveram e a média de idade é altíssima (mais de 40 anos)". Para se ter uma ideia das carências educacionais do pessoal técnico-administrativo, veja-se os dados do relatório elaborado pela Comissão Coordenadora do Programa: de 2008 funcionários, 618 não completaram o 1º grau, 158 completaram apenas o 1º grau e 222 não completaram o 2º Grau. "Politicamente — diz Marialice, o Programa permitirá um maior relacionamento da universidade com a comunidade, já que inclui uma pesquisa pioneira sobre como alfabetizar, que depois poderá ser aproveitada pela Fundação Educacional. Do ponto de vista acadêmico, segundo a professora, será uma verdadeira oficina para os

alunos do curso de Educação, ou seja, a concretização da teoria, já que as aulas serão dadas pelos próprios alunos. "Eu sempre tive inveja do pessoal da Comunicação que tem o "Campus" como laboratório".

### O Curso

As aulas serão realizadas no prédio da Engenharia Civil numa sala ampla onde os alunos em rodízio passarão por todas as disciplinas (matemática, português e artesanal). O curso será dividido em três fases: a primeira equivalente à primeira série e a segunda equivalente à segunda, terceira e quarta séries, com a possibilidade de inclusão de datilografia, curso muito pedido. O curso terá duração de, no mínimo, 20 semanas, com um esquema de aprendizagem diferente daquele da Fundação Educacional.

Em cada aula de alfabetização serão discutidos temas do dia-a-dia dos funcionários (trabalho, etc). Os temas mais debatidos terão continuidade em quantas aulas forem necessárias para aprendizagem. Marialice acrescenta que o programa foi feito com recursos próprios da UnB e que está recebendo um apoio muito grande da atual administração. Para Marialice, a atividade está sendo muito gratificante, devido ao interesse despertado entre os funcionários. "A vontade deles de aprender comove". A única dificuldade que ele está encontrando, é integrar os funcionários da Fazenda Água Limpa, pelo fato de estarem muito distantes do campus. O interesse dos funcionários fica claro, nos questionários que responderam na primeira aula, como declarações como: "Educação é um direito. Eu quero con-

curso e estudar mais. Minha leitura é pouca" (Antônio Bispo Lopes, 56 anos, funcionário do bandeirão). Ou ainda: "Eu sou um dos funcionários da UnB que tem muita vontade de estudar e não tive oportunidade. Espero que desta vez dê certo" (Walter Reinaldo do Nascimento, bibliotecário, 60 anos).

Nos próximos planos do PRO-SERES consta a incrementação das atividades culturais, com exibição de vídeos, filmes, etc. E, para isso, Marialice espera contar com a colaboração de alunos e professores dos mais variados cursos da UnB. E para finalizar, afirma que a universidade sabe muito pouco da classe popular. E cita um pensamento de Guimarães Rosa que, para ela, ilustra bem esta experiência que está fazendo: "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".

Linguística.

Literatura.

Línguas.

## Letras se divide melhorando o curso

ANA TERESA SERPA

Com a divisão, em três, do departamento de Letras, ficou bem mais fácil trabalhar. Aquele mundo de 70 professores foi separado em áreas distintas: o departamento de Língua Portuguesa e Lingüística, o de Teoria da Literatura e Literaturas e o de Línguas Estrangeiras e Tradução, o LET.

Antes da divisão, o curso de tradução estava quase indo à falência. No entanto, com essa nova mentalidade, novos projetos estão surgindo e um número razoável de professores foi requisitado. Além disso, o reconhecimento do curso pelo reitor, feito recentemente, também contribuiu de forma significativa para esses novos rumos.

### Intercâmbio

"Começamos atacando o problema do intercâmbio", diz a professora Dinorah Mendes, do novo LET. "Toda universidade que se preza", continua ela, "tem uma área de intercâmbio internacional". Esse projeto, ainda no rascunho, pretende ser o Núcleo de Intercâmbio e Estudos de Línguas Estrangeiras e Tradução. Um programa de intercâmbio para os alunos viajarem para o País da língua que estudam.

Para realizar um programa desse porte, é preciso, além de apoio da própria universidade, sair em busca de fontes financiadoras, para tornar viável o projeto. "Em muitas situações", explica Dinorah, "os alunos vão arcar com a própria despesa de passagem e estada. Mas e os que não puderem custear a viagem? Por isso vamos atrás dessas fontes". O papel da universidade é fundamental porque, ao realizar o convênio com a escola, o aluno entra sem burocracia e isento de pagamento. Está sendo feito, ainda, um cadastramento das famílias brasileiras para que se possa oferecer uma contrapartida.

Também está previsto para o novo calendário do LET organizar, anualmente no campus, a Festa Internacional dos Amigos da UnB, cujo objetivo principal será o de angariar fundos para o Núcleo de Intercâmbio. "Já contamos com o grande apoio das embaixadas. Queremos fazer uma festa bem colorida, com barracas, comidas típicas e danças folclóricas. Se possível, gostaríamos de realizá-la ainda este ano, em setembro", diz a professora Dinorah.

Outra inovação do curso é a Oficina de Tradução, que funcionará como um estágio supervisionado. O projeto já foi aprovado e os alunos serão remunerados pelo Ministério da Educação de acordo com o programa da Nova Universidade. Dinorah explica: "É um trabalho gratuito para os departamentos, que enviam os textos para ser traduzidos, e os alunos podem praticar".

### Tradutor-intérprete

Apesar de tantas idéias e projetos, a professora Dinorah Mendes acredita que o curso de Tradução só estará completo com a criação do curso de Interpretação. "A idéia é firmar o curso de Tradução e em seguida criar o de Interpretação". Um bom começo para isso são os planos de se fazer no primeiro semestre de 87, um curso a nível de extensão, para servir de termômetro. Não se trata de um curso de formação de intérprete, mas sim, de informação.

De fato, as fontes para o vastíssimo campo de trabalho do tradutor-intérprete estão em Brasília. "Como é que a gente, aqui no centro das decisões nacionais, com todas as embaixadas e as representações dos organismos internacionais exigindo trabalho, não tem como formar profissionais nessa área?", questiona e conclui Dinorah.

O Departamento de Música bota a boca no Trombone



## Música muda o tom e altera currículo

KÁTIA TURRA

O Departamento de Música da UnB quer uma partitura com novas notas, e já começa a trabalhar para que essas notas estejam mais afinadas com o novo currículo que se encontra em processo de reformulação para o próximo semestre.

Para o chefe do Departamento, Emilio Terraza, um argentino naturalizado brasileiro, há 15 anos dedicado ao ensino da música na UnB, o principal problema do Departamento é o currículo, e é exatamente por aí que ele pretende começar a reformular o curso. Como o processo de mudança de currículo é demorado, o professor Terraza pretende já a partir de agosto implantar um novo fluxograma a ser seguido. Ele acha que isto será possível graças a uma conscientização dos alunos que participaram das discussões por esta mudança.

Terraza acrescenta que com esta reformulação vai se tentar também uma maior integração com o currículo de Educação Artística. "Se faz necessário uma interação e intercâmbio, principalmente com departamentos que têm muita coisa em comum.

Uma nova idéia do Departamento é levar a música para o campus. "A UnB precisa parar pelo menos duas horas para ouvir música, poesia e discutir cultura. Afinal isto também faz parte da vida universitária", afirma o professor. Para isto uma comissão formada de alunos e professores elaborou um projeto que reivindica o anfiteatro 9 como espaço para a arte. O projeto já foi aprovado e começará a acontecer no próximo semestre.

Desde de dezembro de 85 na chefia do departamento, o professor Terraza teve uma votação esmagadora, e conta hoje com o apoio do CA. Na música os alunos têm voz. O Departamento se subdivide em coordenadorias (corda, teclado, sopro, e outros), com um coordenador professor e um aluno, o que proporciona uma maior interação. "Desta forma nós temos mais força para mudar".

Um outro projeto é a abertura de um curso preparatório de música, o que melhoraria muito o nível dos alunos que pretendem ser músicos. São 170 alunos e a cada semestre são abertas mais 15 vagas para o vestibular, e muitas vezes as pessoas não têm um bom conhecimento do assunto principal, que é a música.

## Vestibular da Música exige maior conhecimento

CLAUDIO TOURINHO

O sistema de vestibular deve sofrer algumas alterações a partir do próximo ano. Mas a Copeve, que já lançou propostas para uma alteração no concurso, implantou neste segundo vestibular de 86 uma modificação que irá beneficiar os músicos profissionais do País e o próprio Departamento de Música da UnB.

Pelo antigo sistema, o candidato a uma vaga no curso de Música, fazia uma prova de aptidão e era considerado apto ou não a fazer o curso. Depois, se apto, enfrentava aprova de conhecimentos gerais: Matemática, Física, Geografia, etc. Nesta prova, ele precisava fazer no mínimo 24 pontos, como todo candidato.

O que acontecia era que, mesmo sendo um excelente músico, o candidato corria o risco de não se clas-

sificar. Além de prejudicar o candidato, com a exigência dos 24 pontos, o Departamento de Música acabava perdendo um elemento que poderia trazer, junto com sua bagagem artística, uma melhoria no nível de aprendizado de seus alunos.

Com a alteração no vestibular, o candidato faz a prova de aptidão e recebe uma nota. Nesta avaliação, o candidato poderá fazer até 15 pontos. Para alcançar os 24 pontos exigidos, bastará somar a nota da prova de aptidão com a da prova de conhecimento gerais.

Para Emilio Terraza, chefe do Departamento de Música, esta medida, junto com outras que pretende implantar visa "criar um selo de qualidade. Com músicos excelentes poderemos melhorar o nível dos alunos e, conseqüentemente, dos professores e das aulas".

## A Filosofia pensa, logo existe

PAULO ALBERTO FORTES

Os bons observadores devem ter notado que o quadro na entrada norte do ICC, com o mapa e lista de Departamento localizado no Minhocão, mostra ainda a presença do Departamento de Filosofia e História. Só que esse não existe desde 1974. O curso de graduação em Filosofia só voltou a existir no 1º semestre de 84 e, no dia 26 do mês passado, finalmente foi criado o novo Departamento de Filosofia, que já conta com mais de 30 alunos.

O ensino da Filosofia entrou em declínio no País há mais de duas décadas. Quem diz que isso é Nelson Gonçalves Gomes, professor do novo Departamento. Segundo ele, desde 1961 com a 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Filosofia foi desestimulada no ensino de 2º Grau. Nos anos 70, com a formação dos cursos profissionalizantes, a situação piorou. A procura do ensino da Filosofia à nível universitário diminuiu e fez com que muitos cursos fechassem suas portas. A USP resistiu, a UnB não. Mesmo assim, dois professores de Filosofia que lecionavam no Departamento de História de Geografia (GEH), o professor Gomes e Guilherme Termenon, trabalharam na formação de um novo núcleo de estudos filosóficos na UnB. Conseguindo que a conhecida matéria "Introdução à Metodologia Científica", passasse para a responsabilidade do GEH, os professores trouxeram outros cinco filósofos para lecioná-la.

### Vagas

Hoje o quadro docente do novo Departamento de Filosofia já tem sete professores. Além disso, na constituição do novo Departamento, o reitor Cristovam Buarque criou quinze vagas para professores. Com isso teremos mais oito filósofos na UnB logo que se tornem possíveis novas contratações.

A entrada para o curso de graduação em Filosofia dá-se por dupla opção, transferência ou como aluno especial já com diploma de nível superior. Não existem vagas para o vestibular. São aceitos alunos tanto da área de humanidades quanto das ciências exatas.

Para os interessados, o núcleo de Filosofia promove em setembro a 13ª Semana de Filosofia na UnB, com uma série de Conferências sobre Estética e Filosofia da Arte. Essas semanas vêm ocorrendo desde de 1976 e dela saíram três publicações: dois ensaios sobre Kant e Hegel, da Editora da UnB, e outros intitulados "Pensamento Medieval", publicado pela Universidade Católica de Santos.

O Departamento de Filosofia fica no ICC Norte, subsolo, perto da lanchonete Natural.

A UnB, uma das universidades mais modernas do País, oferece um curso de Processamento de Dados, que, apesar de ser um dos mais procurados por vestibulandos, não conta sequer com um departamento próprio. Com mais de 200 alunos e sua estrutura recentemente alterada — de Tecnólogo o curso passou a Bacharelado —, a "Ciência da Computação" ainda dá seus primeiros passos.

O curso de informática foi introduzido na UnB em 1973, a nível de Tecnólogo, sendo de curta duração (média de três anos), no qual 128 créditos são exigidos. Logo no início, o curso foi anexado ao Departamento de Estatística, onde se encontra até hoje. Em 1984, foi aprovado um novo currículo, de "Bacharelado em Ciência da Computação" com 200 créditos para a habilitação em Computação Científica e 209 em Análise de Sistema. Este, porém, será introduzido na universidade aos poucos, até que o curso de Tecnólogo seja eliminado.

"Esse projeto de mudança de curso vinha se arrastando desde 82. Foi formada uma comissão com alunos de Processamento e de vários outros cursos para discutir o novo currículo", afirma Haroldo Castro, estudante do quinto semestre de Ciência da Computação. Ele acredita que muitas disciplinas que não interessam para a

# Procura-se um departamento



NARA FERREIRA

área de informática foram incluídas no currículo de Bacharelado. "Apesar disso, o mais importante é que a mudança ocorreu. Essa era uma luta antiga dos alunos de Processamento", acrescenta Haroldo.

## Protesto

"O curso mais concorrido da área de exatas é controlado pelo menos concorrido, ou seja, Estatística", protesta Mauricio Mustefaga, também estudante de Processamento de Dados. Segundo ele, para que o novo currículo seja realmente posto em prática, é premente a criação de um departamento autônomo. Mauricio acredita que a situação dos equipamentos é vergonhosa. "Só existe um terminal de micro-computador para todos os alunos, e com o excesso de uso, este sempre apresenta defeitos. Se não tiver alguém

sentado lá, pode saber que esta quebrado. Já deu até briga", afirma o estudante, que assegura que o Departamento de Engenharia Elétrica, por exemplo, conta com mais computadores que a Ciência da Computação.

Um outro problema apontado por alunos de informática é a dificuldade encontrada por aqueles que estão matriculados no curso de Tecnólogo, de se transferirem para Bacharelado. Segundo o estudante Luiz Mauricio Martins, os alunos de Processamento não conseguem a mudança, a não ser por intermédio de vestibular. "O primeiro a conseguir transferência para Bacharelado em Ciência da Computação era da Engenharia Mecânica, e essa decisão só foi revogada por causa dos protestos dos estudantes de Processamento", relata Mauricio.

Os problemas de Ciência da Computação na UnB, no entanto, vão mais além. Atualmente, só existem dez professores efetivamente ligados ao curso, e apenas três com dedicação exclusiva. Na opinião do ex-aluno de Processamento de Dados, que hoje trabalha no CPD da universidade, Nilo Thé Pontes, é difícil contratar professores nesta área porque o mercado fora paga muito melhor. "A maioria leva isso aqui como um bico. Por isso, os horários de aula de Computação são os mais estranhos

possíveis. Já houve aula até no domingo", afirma Nilo.

O professor Wagner Teixeira da Silva, coordenador do curso de Ciência da Computação reconhece as dificuldades enfrentadas pelo curso na UnB, mas garante que a administração da universidade, bem como o Departamento de Estatística estão trabalhando para reverter a situação. Segundo ele, há a ideia de se criar um Núcleo de Computação que seria a semente do futuro Departamento de Ciência da Computação. "A UnB já está comprando 100 equipamentos para a nossa área. Dentre eles, 54 micros de 8 bits e 46 micros de 16 bits da linha equivalente ao IBM-PC; além do laboratório que está sendo construído ao lado do CPD para abrigar o material e atender as necessidades dos alunos", acrescenta o professor.

Os primeiros estudantes a ingressarem no curso de Bacharelado em Ciência da Computação, no vestibular deste ano, ainda estão no ciclo básico. Com o recurso de mais de dois milhões de cruzados, já liberados pela reitoria, Wagner Teixeira da Silva acredita que, quando esses alunos atingirem o nível profissional, o curso de Bacharelado estará suficientemente estruturado para oferecer o que o novo currículo exige.

## Biblioteca da UnB na trilha da informática

GUILHERME EVELIN

A Biblioteca Central da UnB quer agora trilhar os caminhos da informática. Já foram instalados nove terminais de computador em todos os Institutos e Faculdades da Universidade. Os terminais estão ligados ao banco de dados da Biblioteca no Centro de Processamento de Dados e permitem ao usuário obter informações sobre determinada obra ou assunto, sem que seja necessário se deslocar até o prédio da Biblioteca e consultar os terminais lá existentes. Agora estão em fase de instalação mais e novos terminais, que funcionarão em todos os departamentos da UnB. Alguns departamentos como a Biblioteconomia, a Medicina e as Engenharias Civil, Elétrica e Mecânica já possuem alguns desses terminais em funcionamento.

Com a recente aquisição de 94 microcomputadores pelo Departamento de Estatística, que vão funcionar como um laboratório de microinformática para os alunos de Processamento de Dados, agora a ideia do professor Murilo Bastos da Cunha, diretor da Biblioteca Central, é montar uma biblioteca de programas de computador. O projeto desse acervo, que ainda está na dependência da aprovação da Reitoria, prevê a aquisição de alguns microcomputadores e programas que possam ser utilizados tanto pelo aluno já conhecedor da área quanto pelo aluno iniciante, que está tentando se familiarizar com termos, hoje correntemente utilizados, como bits, hardware e software.

## Carência

O professor Murilo acredita que até 1987 o projeto desse acervo de

programas esteja efetivado, pois até lá a Biblioteca, para não ser exceção à regra das universidades brasileiras, terá que conviver com uma carência crônica de recursos. Basta dizer que a Biblioteca está desembolsando em média 360.000 dólares por ano, cerca de cinco milhões de cruzados pelo câmbio oficial, para renovar a assinatura de 2.200 títulos de periódicos estrangeiros. Em 1984, 92% do orçamento da Biblioteca para a aquisição de material bibliográfico foi gasto com esses periódicos, sendo que os 8% restantes foram destinados para todas as outras necessidades da Biblioteca: livros nacionais e estrangeiros, slides, discos, fitas, partituras musicais, jornais e filmes.

Para equilibrar esse orçamento, destinando maiores recursos para a aquisição de outros tipos de material bibliográfico, e preservar a assinatura desses periódicos estrangeiros, que, por serem a informação de ponta e a mais atualizada que existe, são de grande importância para a pesquisa na Universidade, a Biblioteca está tendo que recorrer a fundos de financiamento de pesquisa científica e a convênios com universidades estrangeiras.

De qualquer modo, independente da escassez de recursos, o professor Murilo se entusiasma com as possibilidades que a informática pode oferecer. Ele acredita que, em algum tempo, será possível através de terminais de computadores estabelecer um intercâmbio entre as principais bibliotecas universitárias do País, à semelhança do que acontece em vários países mais desenvolvidos. Com esse sistema, afirma o professor Murilo, seria possível a um estudante da UnB obter certo material bibliográfico disponível, por exemplo, somente na biblioteca da Universidade de São Paulo.

## Em setembro, depois de três anos de ausência

ANA PAULA MACEDO

Exposições, shows, mostras de filmes, palestras e debates. Essas são algumas atrações da EXPOARTE, uma mostra artístico-cultural, que ao longo de suas oito edições, conquistou um espaço na UnB e também na cidade. No próximo semestre, após três anos de ausência, a EXPOARTE estará de volta, dando uma oportunidade aos estudantes da UnB e de outras Universidades, inclusive de outros estados, de divulgarem seus trabalhos.

A iniciativa de se realizar uma mostra dessa natureza na UnB partiu dos estudantes de Arquitetura, através de sua Representação Estudantil, em 1976. Desde então, foram organizadas oito EXPOARTES, algumas com o apoio de outros Departamentos. Segundo a estudante de Arquitetura, Lígia Crisóstomo, uma das organizadoras da atual mostra, "os outros cursos só começaram a se interessar pelo evento quando ele se tornou um acontecimento mais tradicional. Mas a organização sempre partiu do Departamento de Arquitetura". Após a realização da EXPOARTE 6, em 1981, o acontecimento começou a ter repercussão na comunidade brasileira, incentivada, principalmente, pelos meios de comunicação. No ano seguinte, foi deflagrado o processo crítico da mostra, quando artistas, estudantes e a imprensa manifestaram a intenção de aprofundar o projeto, superando o caráter, meramente, positivo.

Mas, apesar do êxito conseguido, a última EXPOARTE foi realizada em maio de 83, contando com o apoio do Decanato de Assuntos Comunitários, da Fundação Cultural, e de cinco Centros Acadêmicos — Ciências Sociais, Letras, História, Medicina e Desenho —, além, obviamente, da própria Arquitetura. Depois desse ano, embora houvesse a intenção de dar continui-

dade ao projeto, algumas divergências desestimularam os estudantes de Arquitetura a organizarem uma nova mostra. Iolanda Maria Neiva, outra responsável pela organização da EXPOARTE 9, considera que o motivo principal que implicou nesse grande intervalo para a volta da mostra foi o questionamento sobre a linha que o acontecimento deveria seguir. "Em função disso", declara Iolanda, "havia algumas pessoas que eram muito ligadas à tradição da EXPOARTE, e outras que queriam inovar para dar um novo sentido à exposição. E foi dentro dessas discussões que o processo começou a enrolar".

A ideia, segundo as estudantes de Arquitetura, ressurgiu neste semestre, em decorrência, sobretudo, da falta que a comunidade universitária estava sentindo de uma nova exposição. Sem contar que uma boa parcela dos estudantes, aqueles que ingressaram na UnB no segundo semestre de 83, desconhecem o acontecimento. "Nós estávamos olhando os arquivos e encontramos várias coisas relativas à EXPOARTE. Todos os anos nós resolvíamos organizar a mostra, mas nunca conseguimos. Agora, resolvemos levar o projeto adiante, mesmo porque há mais gente interessada", diz Iolanda. Foi então formada uma Comissão Organizadora, composta por oito pessoas. Até o momento, a comissão conta com o apoio do Decanato de Extensão que irá liberar recursos para a organização da mostra e, também, auxiliar nos contatos com a Fundação Cultural do Distrito Federal.

A Comissão Organizadora da EXPOARTE 9 já enviou cartas aos Centros Acadêmicos, convidando todos os departamentos a participarem dos preparativos da mostra. Contudo, até agora, nenhum curso manifestou qualquer tipo de apoio, exceção feita à Psicologia.

EXPOARTE

# UM C.A. MUITO EGOÍSTA

## movimenta alunos da faculdade de medicina

ANA PAULA PADRÃO

*"O Centro Acadêmico, numa comparação grosseira, funciona quase como um sindicato. Na hora de lutar por questões salariais, e chegar até mesmo à greve por melhores condições de trabalho, que se chegue. Mas ele não deixa de existir quando os problemas acabam".*

(Luiz Rizzo, presidente do CA da Medicina)

## No direito, espaço aberto à discussão

DENISE ROTHENBURG  
MARIA LÚCIA SIGMARINGA

"Formar o estudante não é apenas fornecer embasamento teórico. E ainda, dar oportunidade para que ele desenvolva um pensamento crítico sobre os assuntos que estuda". Desta forma, o professor e chefe da Assessoria Jurídica da UnB, José Geraldo de Souza Júnior, acredita ser mais fácil para os alunos incorporar o que aprenderam à realidade da comunidade em que vivem. E, assim, prestar maior auxílio à população em geral.

Foi pensando nisso que José Geraldo procurou fazer debates ao longo do semestre, entre alunos de seu curso de Criminologia. Como explicou um dos alunos, André Luís Moraes de Oliveira, a idéia é situar os alunos entre a Criminologia clássica e a crítica. Na prática, isso significa que os alunos aprenderiam a aplicar a lei de acordo com o Código Penal (Criminologia clássica) e questionar por que determinadas condutas são consideradas crimes e outras não (Criminologia crítica).

No último dia 19, o *Campus* participou de um destes debates para ver como isso funciona, já que vários alunos de Direito se mostraram entusiasmados com essa nova metodologia de ensino, pioneira naquele departamento, considerado pelo resto da Universidade como reacionário. Muitos deles acham até que a experiência deveria ser adotada nas outras disciplinas.

Durante quase duas horas, mais de quarenta estudantes discutiram temas bastante polêmicos hoje em dia, como Lei Fleury, violência no campo — em especial os conflitos de Imperatriz, no Maranhão, o crime de colarinho branco e Constituinte. Um dos pontos mais polêmicos do debate foi a discussão a respeito da repressão, no

Há cerca de um ano alguns alunos da UnB, mais especificamente da Faculdade de Ciências da Saúde, conhecidos pelo seu envolvimento nos trabalhos científicos, do laboratório de imunologia e não por sua atividade política, decidiram lançar uma chapa para concorrer ao Centro Acadêmico. Tendo como companhia a ojeriza política dos estudantes da Medicina, acostumados a ver o C.A. como organismo de resistência e luta dentro da gestão Azevedo, a chapa eleita para o C.A. Professor Gilberto de Freitas participou não só das negociações visando o convênio com a Fundação Hospitalar do Distrito Federal — que garante aos formandos de Medicina seu internato — e o convênio com o Hospital Presidente Médici, onde alunos e funcionários, munidos apenas de suas carteirinhas são atendidos imediatamente, mas também obtendo coisas mais simples e essenciais à Faculdade, como um bebedouro e um orelhão.

Como, diante do visível desinteresse dos universitários pelas questões políticas, um C.A. adquire representatividade suficiente para interferir nos processos de transferência de alunos, avaliação de professores e ainda elaborar projetos quase sempre levados adiante com total apoio da chefia do departamento?

Quem conhece o presidente deste C.A., Luiz Vicente Rizzo, e vê a desventura com que ele se movimenta pela Faculdade

e como consegue sensibilizar os estudantes para problemas há anos pendentes na Medicina, sabe que a estrutura do Centro Acadêmico não é de vidro. Rizzo dá a fórmula: "A estrutura do C.A. é algo clássico, com presidência e diretorias específicas. Na verdade, é o que melhor funciona, pois os alunos sabem quem e onde procurar." E procuram. Para auxílio na organização de campeonatos, pesquisas, debates, informações sobre cursos e até buscando uma ponte confiável que leve à chefia ou mesmo à reitoria. Rizzo diz que os alunos começaram a confiar no funcionamento da chapa quando foi instalado o bebedouro, através do C.A.

### Conservadorismo

Apesar do conservadorismo estrutural, o Centro Acadêmico realizou, em um ano de gestão, três assembleias. "Não temos muita paciência para a linguagem de assembleia, e sabemos que não há como segurar os alunos durante mais de duas horas", confessa Rizzo. Acreditando que este tipo de discurso — utilizado desde a época da resistência, quando toda uma geração tendia a valorizar o intelecto em detrimento do estético — está atualmente falido e não atrai a geração 17 a 24 anos — a diretoria do C.A. procurou tornar o menos cansativo possível os encontros. Rizzo conta que os "indiscutivelmente chatos informes", dados no início das

assembleias, eram datilografados e xerocopiados para os alunos, poupando um tempo precioso. E foi graças a essas assembleias que foi possível elaborar e apresentar o projeto tratando dos convênios com a FHDF, principal vitória do C.A. Professor Gilberto de Freitas.

Outro projeto do C.A., já em andamento, é uma reavaliação curricular através de uma pesquisa entre os alunos. Os questionários foram formulados por um dos professores da Medicina, a pedido do C.A., que utilizou para orientação tentativas frustradas de outros C.As, arquivadas e esquecidas. Agora, tendo o C.A. estruturado e resolvidos os problemas mais urgentes do departamento, Rizzo diz que é hora de se aproximar mais da comunidade universitária. "É verdade que tivemos uma postura bem egoísta, mas foi uma opção. Não havia outra forma. A Faculdade tinha excesso de problemas, e nunca conseguiríamos credibilidade se não nos voltássemos prioritariamente para eles", explica Rizzo, e se desculpa aos outros Centros Acadêmicos por isso. Seu desejo neste momento, baseado na experiência de um ano à frente do C.A. de uma Faculdade que chegou à média de duas grandes greves anuais, é o de ver cada um fazendo o máximo que pode pela comunidade. E romanticamente conclui: "Quanto maior o bolo, maior a fatia para cada um".

## Psicologia atende, em sua clínica, comunidade da UnB e de Brasília

MARLUCE BRAUNA

Linhas terapêuticas

Prestando assistência terapêutica gratuita, a Clínica Psicológica do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília é antes de tudo uma clínica-escola. É uma clínica, pois possui uma clientela definida: a própria comunidade de Brasília, além de alunos, funcionários e professores da UnB. É escola, por oferecer aos alunos do Departamento o ensino da prática psicoterápica sob supervisão de professores.

A Clínica Psicológica faz parte da Unidade Especial de Ensino e Pesquisa da UnB e funciona nos mesmos moldes desde 1976. Dispõe de um bom espaço físico, oferece a seus clientes um acompanhamento terapêutico bastante significativo. O tratamento psicológico é prestado por estagiários de Psicologia sob a orientação de um professor da área.

### Como funciona

O aluno que participa pela primeira vez do trabalho clínico, isto é, de nível 1 como é chamado, familiariza-se com técnicas de entrevistas, métodos e testes usados na clínica. O passo seguinte é fazer uma triagem dos clientes, observando-se as respostas dadas por eles num questionário. Feito isso, o terapeuta encaminhará o cliente para um dos três grupos de terapia existentes: individual, de grupo e conjugal e/ou familiar.

O trabalho de terapia é feito por um ou mais estagiários sob a supervisão de um professor e o número de atendimentos pode variar de acordo com cada caso. Porém, o prazo máximo de duração de uma terapia é de dois semestres. Este limite é devido a falta de professores disponíveis que possam acompanhar os alunos.

A Clínica Psicológica segue atualmente, de acordo com a formação de seus professores, três linhas básicas: a psicodinâmica, a Gestalt e a conjugal e familiar.

Na Psicodinâmica tenta-se estabelecer uma relação entre as dificuldades atuais do indivíduo e o seu passado. Busca-se nas lembranças afetivas, particularmente, elementos que levem a compreensão da problemática atual do indivíduo.

A Gestalt por sua vez trabalha mais diretamente com os sentimentos expressos pelo homem. O que se procura é organizar melhor a vida psíquica do indivíduo, tentando colocar os seus sentimentos no espaço apropriado dentro de sua vida.

A Conjugal ou Familiar, como o próprio nome indica, procura melhorar o aspecto relacional entre casais e corrigir as possíveis falhas de comunicação dentro da família. O que se deve observar aqui são as regras e papéis dos integrantes de uma família assim como as influências externas exercidas sobre ela.

### Grande demanda

Em 1985, o número de atendimentos na Clínica Psicológica foi de 2.723. Apesar de ser ainda muito cedo, prevê-se para 1986 aproximadamente 3.000 atendimentos.

De acordo com a coordenadora da Clínica Psicológica, Annik Rosiers, o atendimento poderia ser melhorado se a clínica pudesse contar com mais profissionais. Segundo Annik, "a demanda é bem superior à oferta e isso faz com que haja a lista de espera".

A Clínica Psicológica oferece também um serviço de plantão de emergência. As pessoas que porventura estiverem passando por uma crise emocional, por exemplo, poderão contar com uma orientação psicológica adequada.



Exemplar de Assinante:  
proibido jogar fora separadamente

# O Campim



Um bom jornal é que nem elevador: social e de serviço. N° 11 (3 4567...)

**CLÍNICA DENTÁRIA**  
— Dr. Gargalo. Anestesia somente para pacientes de passado comprovadamente progressista. O direito à anestesia não se compra ou se tem, ou não se tem. Sala 2046 no Shopping Center de Vivência.

**SEX SHOP CASA DO CARVALHO** — Onde você encontra todos os acessórios e equipamentos ociosos para tornar sua vida mais feliz. Ninguém nasce perfeito. Complemente-se na Casa do Carvalho. No Shopping Center de Vivência, no CPD (Centro de Pau Duro).

**CLÍNICA DE GASTROENTEROLOGIA** — da UnB. Resolva seus problemas estomacais logo que eles surgirem. Pirulito para as crianças, e Alka-Seltzer para os adultos. No Shopping Center de Vivência, bem ao lado do Bandeirão. Só abre depois do almoço.

**SE VOCÊ NÃO PODE COMPRAR, CONTRABANDEIE UMA JÓIA PARA QUEM VOCÊ AMA:** Informações com o prof. L. na UnB das 8 às 8:15 da manhã, ou no escritório do edifício Trabalhador, no resto do dia. Aqui, os diamantes são eternos e baratinhos. Também imitamos letra.

**O CAMPIM** — é o jornal-mural dos alunos de Comunicação. Surgiu em Maio de 84 como alternativa para quem gosta de escrever de formas diferentes das tradicionais nos jornais do País. O seu bom-humor tornou-se um sucesso. Hoje, quando resolve-se fazer um jornal de humor na UnB, o seu nome não poderia ser outro.

## Brasil reata com a França

Pág. 07



## INCRA faz reforma no Campus

Seguindo o seu declarado princípio de fazer deste País uma democracia, queiram ou não o INCRA (Instituto Nacional Contra as Reportagens Assépticas) destruiu o último reduto da caretice jornalística que ainda se mantinha inabalável: a redação do **Campus**.

De nada adiantaram as reclamações e ameaças da direção da UDR (Us Donos da Redação). O INCRA foi lá e arrebentou a boca

do balão. Agora, o imenso feudo chamado **Campus** será dividido entre os irmãos de boa vontade, na maior reforma agrária e horto-graphika da história.

As forças reacionárias estão alarmadas. As progressistas também. "Que diabo é isso?" perguntam na UnB desde o reitor até a múmia do DCE. "Isso é Campim, isso é que é". Não tem sabor que refresca, but, enjoy".



### O TEMPO:

(EBN): Em Brasília, 19 horas,  
(EBM): Em Guadalajara, 16 horas.

### O VENTO:

Segundo o superintendente da SUNABSEN, Ericson Verissimen, o vento está a leste do meu dedo, ali da direção da porta. Atchim!!!



### TEMPERATURA:

38 graus. Ardendo em febre. Vitamina C e cama. Ó, imbecil! A colherinha é que é para mexer o café. Isso aí é o termômetro.



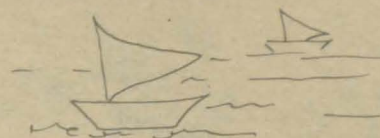
### NO CÉU:



Como dizia o criador de elefantes William Shakespeare: "Há mais coisas entre o céu e a terra que a nossa vã filosofia pode imaginar". Muito cuidado, Dumbo está visitando o Brasil.

### NO MAR:

Maremoto em Minas. Hélio Garcia está de ressaca.



### NA TERRA:

Festa no subsolo do Minhocão. Estação Sismológica detecta terremoto que matou 2 bilhões de pessoas.



### CANTA BRASIL:





O nosso articulista também acha que tem que dar, certo?

# A Nação ultrajada

JOSÉ AZEVEDO DE HOLLANDA

Quando Wilbur Wright e Santos Dumont inventaram o avião, uma nova era surgiu no mundo. Aos homens foi dado finalmente o direito de voar. Até aí tudo bem, mas esses meninos passaram do limite nesse direito. Escreveram um jornalzinho lotado de mentiras e sandices, usando apenas da imaginação.

Que se convoquem todas as Comissões de Ética. Todos os Conselhos de Censura. Todas as tropas de todos os generais Newtons. Todos os processos de jubilamento. Cesse tudo que a antiga musa canta, que um outro valor mais baixo nos ameaça (com o perdão do poeta negreiro Castro Alves)! A nós, homens de fé e boa vontade, os verdadeiros patriotas, que se preocupam com os destinos da nação, urge acabar com essa insidiosa tentativa de revolucionar a tão maravilhosa

linguagem usada pelos imparciais jornais da nação.

Querem acabar comigo! Me tirar da Reitoria! Ah, mas não conseguirão! Já passei por crises maiores do que essa. Eu é que acabarei com todos vocês! Eu sou todo poderoso! Eu tenho a força! Ei, me dá a minha espada. Pelos poderes do Ceni-maaar!!!

*José de Azevedo de Holanda foi reitor da Universidade, de onde foi deposto pela nova geração de pedreiros, que se atirou na aventura de construir a UnB e quase se espatifou no chão. A incrível pressão que sofreu ao longo de sua vida de reitor, tornou-o meio neurótica. Hoje, passando férias em Franco da Rocha, aprende a difícil arte de fazer cestas de palha como forma de passar o tempo. De vez em quando liga para a polícia e pede pra ela invadir o hospício. Quando pode, e não está sob efeito de sedativos, colabora na página de opinião do nosso jornal.*

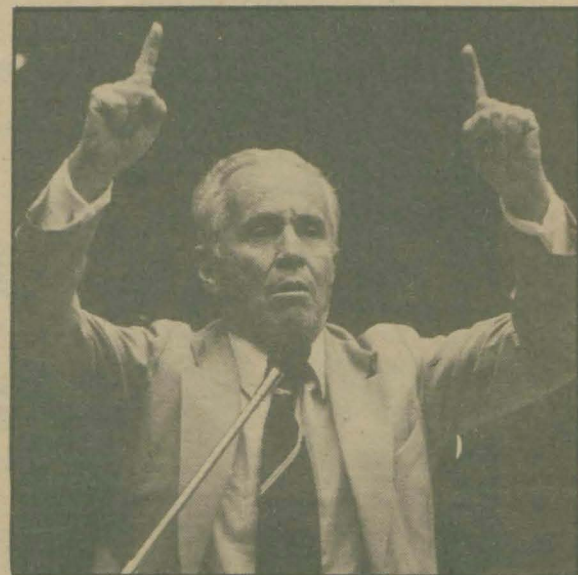


## FRIGETE

## chega à UnB

Pega ela aí,  
pega ela aí...

... Pra quê?  
Pra passar batom.



## coluna do Joãozim Teatim

### Escolinha engraçada

Era uma escolinha tão engraçada  
Só tinha greve, não tinha mais nada  
Ninguém podia escolher reitor não  
Porque na UnBê não tinha eleição  
Não adiantava meter o pau  
Porque o Azevedo se achava o tal  
Ninguém podia nem repetir  
Porque a MGA vivia ali  
Mas, certo dia, chegou o Tio Cris  
E a UnBê ficou feliz...



Hoje a escolinha continua engraçada  
Não tem equipamento, não tem quase nada  
Tem muita falta de professor  
A situação tá um horror  
Tem o problema da transferência  
Tem gente entrando sem pedir licença  
E pra completar a vida de cão  
Come-se Bonzo no bandejão  
Quem sabe um dia, com muita vontade  
Nossa escolinha vira Universidade...



# Reserva de mercado irrita os palhaços

Mais uma personalidade do mundo artístico nacional se pronunciou a favor do fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de palhaço., malabarista e bobo da corte. O Sr. Cacareco Santa Y Anna de Holanda, 87 anos, profissional do riso infantil há mais de 60 anos, declarou ser contra a reserva de mercado para os diplomados em sua profissão. Segundo Santa Y Anna, fatores sindicais, corporativos ou salariais não devem interferir na preocupação fundamental do palhaço, "que é a de divertir o nosso público que está cada vez mais exigente." O bom e talentoso profissional sempre terá seu lugar no mercado de trabalho e no trailer do circo, afirmou Cacareco. "Eu, por exemplo, tenho até um frigobar aqui comigo", disse o palhaço, que divide seu cubículo ambulante com um

engolidor de fogo e uma mulher barbada.

Continuando sua defesa, Cacareco disse que, antigamente, quando não havia qualquer cerceamento ao exercício da profissão, os bons profissionais sempre se destacavam. "Arrelia, Piolim, e Pimentinha nunca frequentaram uma escola superior. Outro dia quando eu fui visitar estes mestres no asilo dos palhaços nós discutimos exaustivamente este assunto", disse Holanda.

Outra personalidade a favor do fim do diploma foi o Sr. Orlando Orfrias, dono do circo Orfrias da Manhã e patrão de Cacareco. Segundo Orfrias, em lugar nenhum do mundo por onde sua caravana circense passou existe este tipo de exigência. "É preciso respeitar nosso respeitável público" disse Orfrias. Ao final, Orlando elogiou a

postura profissional de Cacareco e a firmeza com que o palhaço vem levando o cabo a difícil tarefa de administrar o circo em seu descanso que já dura dois anos. "Além disso, Cacareco é um dos palhaços mais talentosos que eu conheço. E dos mais engraçados e competentes, também. Quer ver. Cacareco, dá uma cambalhota por moço ver", disse Orfrias.

O proprietário do circo Orfrias revelou ainda que Cacareco terá um justo descanso a partir do próximo mês, quando o filho mais moço de Orfrias, o Sr. Orlando Orfrias Filho, 15 anos, assumirá o comando da empresa". Mas Cacareco continuará coordenando atividades menos desgastantes, como pentear a juba dos leões, dar amendoim pros chimpanzés e limpar a bunda do elefante", concluiu Orfrias".



## Descoberto agitador

O grupo de Espeleologia da Geologia em expedição oficial ao local onde, diz a lenda, funcionou o DCE em séculos passados, fez uma descoberta sensacional: um vidro lascado contendo elixir político.

O professor da expedição, Hans Christian Buarque de Hollandensen, está maravilhado e acredita que essa descoberta ajudará sociólogos do mundo inteiro a entenderem o comportamento dos estudantes de épocas remotas. "Agora desvendamos o mistério e entendemos como era possível passeatas e agitações com aquela animação. Uma gota desse reativante é capaz de transformar estudantes normais em bestas feras", explica Buarque de Hollandensen.

O precioso líquido está sendo analisado no subsolo químico da UnB, e apesar dos cuidados que os tapados estagiários têm, o elixir já provocou uma grave acidente. Uma ratazana de estimação do laboratório do renomado cientista Todorovski de Holanda esbarrou no vidro e duas gotas caíram em sua língua. Imediatamente, a ratazana começou a berrar e reivindicar mais lixo e esgoto. A ratazana alucinada convocou uma assembleia em todos os roedores e insetos, para amanhã, às nove horas. A imprensa local foi convidada.

O reitor desvairadamente democrático, Cristovam Buarque de Holanda, preocupado com os efeitos poderosos que este reativante político pode provocar, caso caia em mãos erradas, tomou uma atitude inédita mandou cortar as mãos dos seus inimigos.

# SUCAM interdita urnas da UNE

A SUCAM (Superintendência dos Moradores e Amigos do Mosquito) interditou cerca de 70% das urnas utilizadas nas eleições para a nova diretoria da UNEE (União Nacional dos Estudantes de Esperanto), por apresentarem focos do mosquito *Aedes Egipty*, transmissor da Dengue e da febre do Submarino Amarelo. A medida pegou de surpresa a maioria dos estudantes universitários, que não sabiam sequer da existência da UNEE e muito

menos que esta realizava eleições.

As urnas foram encontradas em estado lastimável, totalmente sem quórum e com várias poças de água no fundo, o que permitia um ambiente propício para a proliferação das larvas do mosquito *Aedes Libius*. Ao constatarem a insalubridade do local, os fiscais da SUCAM imediatamente interditaram as urnas e consequentemente as eleições, que transcorriam de maneira calma e ordeira, devido ao reduzido

número de alunos que se dispuseram a votar, apesar do te-lepergunta da Globo, que elegeu Zico o jogador mais eficiente da Copa. A interdição provocou reações imediatas por parte da chapa favorita, a UNEE DEUS LIVRE, ligado ao PC do D (Partido Comunista de Deus), favorável à liberação do filme *Je Vous Salue, João Paulo II*.

**Culpa do Brizola**  
Altas fontes luminosas do

governo garantiram que o presidente José Ribamar ficou bastante preocupado com a situação, pois não sabia que o mosquito *Aedes Etiops* gostava de eleições. Estas mesmas fontes disseram também que o SNI (Serviço Nacional de Intuição) desconfia que o Governador do Rio, Leonel Brizolla de Holanda esteja por trás disso, já que a chapa apoiada pelo PDTC (Partido Democrático Trotsquista Cristão), a **PRA SAIR DESSA BARÉ COLA**, não tinha mais possibilidades de vitória. O SNI acusa o popular populista de exportar focos do *Aedes Argelinus* para as universidades brasileiras com a finalidade de tumultuar o processo eleitoral. O popular populista Brizolla de Holanda contra-ataca dizendo que a intenção do governo é boicotar o Estado do Rio, que até hoje não recebeu o pagamento referente aos royalties pela extração de estrume de seus poços na Baía da Guanabara.

Alheios à polêmica causada pela interdição das urnas, os alunos da UnB continuam assistindo as aulas, sem se pronunciarem a respeito. O presidente do DCE não foi encontrado por nossa reportagem para dar a versão oficial do corpo discente da universidade. Aliás, a nossa reportagem sequer achou o DCE. Se você, leitor, sabe o que é e onde está o DCE, ligue para a nossa redação e concorra a uma passagem grátis para o próximo congresso da UNEE, a se realizar em Itaparica, no próximo verão.



Ao invés de votos, os fiscais da SUCAM encontraram mosquitos

KÁTIA TURRA



Num flagrante estratégico, o assessor

## Cristóvão cria Assessoria de Pensamento Estratégico e lança o primeiro projétil: sai EPB e entra o tiro de guerra.

A Assessoria de Pensamento Estratégico, na vanguarda do Desvairismo Democrático, é a responsável pelo mais ousado projétil já lançado em qualquer Campus universitário do País. É o Tiro de Guerra, a nova disciplina que enterrou definitivamente EPB e já conta com um estoque de 200 quilos de cabeça-de-negro, as famosas bombinhas que tem alegrado os arraiais desse Brasil.

Não é difícil imaginar de onde veio nome tão sugestivo. Todos nós sofremos um pouco da chamada síndrome das botas, afinal foram 20 anos de ferrenha propaganda da linguística dos quartéis. E só reparar na grande febre nacional de "arrebentar a boca do balão". Palavras como esfolar, banir, liquidar, passeiam placidamente nas mais tenras brigas de namorados. Estratégias são traçadas, batalhas vencidas,

forças recuam, forças avançam, tudo isso dentro de um simples escritório da burocracia nacional. E a Assessoria de Pensamento Estratégico da UnB, já na linha do neodesvairismo, resolveu arrebentar a boca do minhocão, implantando o Tiro de Guerra e instalando suas bases móveis nos subsolos do minhocão, de onde o primeiro míssil, à moda do americano MX, deverá ser lançado.

Nossa reportagem procurou saber quem é o Assessor de Pensamento Estratégico, mas a sua posição é tão estratégica que nem o desvairadamente democrático reitor Cristóvam Buarque de Holanda sabe de quem se trata. Do seu quartel-general sabe-se apenas que muda de ponto a cada semana e que se comunica através do código morse, que é pra espião não ver.

### OS NOTÁVEIS



**A** Comissão Afonso Arinos de Holanda, encarregada de ser o ghost-writer do futuro Congresso Constituinte, terminou seus trabalhos na última quinta-feira, em cerimônia na Galeria Alaska, no Rio de Janeiro. A nostalgia da despedida era algo impressionante. O presidente da comissão, o jurista Afonso Arinos de Holanda abriu os trabalhos contando uma anedota picante sobre o envolvimento do ex-presidente Getúlio Vargas com a polaca (apelido da Constituição de 1937 no Estado Novo). Logo em seguida, durante o discurso de um membro que protestava contra o casuismo de se propor o parlamentarismo apenas para impedir a ascensão do governador Brizola à Presidência da República, Arinos de Holanda pediu um aparte e fez uma citação em latim: "Pênis erectus in nadigas

prejudicatis". Mais tarde, no meio da fala do ministro Paulo Brossard, novamente Arinos fez um aparte inoportuno ao dizer: "Se depender de mim, o Sr. será o futuro Ministro da Justiça". Estes apartes acabaram sendo censurados pela presidenta do Comitê de Corte e Costura da Comissão, Sra. Solange Teixeira Hernandez de Holanda, que os classificou de "linguagem chula, incitação velada ao homossexualismo passivo e temática arterioesclerótica".

O clima ficou mais descontraído no final da reunião, quando todos se dirigiram à sala de espetáculos da galeria Alaska para uma confraternização. Foi exibido o filme "Elas querem é

phoder constituinte", uma coprodução dos cineastas David Cardoso e Primo Carbonari sobre as dificuldades de introdução de um texto constitucional nos anais de um Congresso Constituinte recém-aberto. Durante a exibição, a torcida vibrava, cantava. Alguns notáveis apenas associavam, outros teciam comentários jocosos. Quando as luzes se acenderam, todos haviam abandonado a sala, com receio de serem fotografados por nossa reportagem e formavam uma imensa fila na porta do banheiro masculino. O jurista Sobral Pinto foi levado às pressas a um hospital para expelir um cálculo renal. Foi submetido a uma cirurgia de emergência que,

segundo rumores, teria causado sérios estragos em suas vias urinárias. Mais tarde, comentava-se maldosamente que estes estragos teriam afetado o sobrenome do jurista.

Mas o espetáculo não pode parar. O entretenimento prosseguiu, agora sem a presença da imprensa, que foi convidada a se retirar. Segundo, uma fonte bem situada na platéia (na 1ª ou 2ª fila), promoveu-se um show de karaokê com quem quisesse subir ao palco. Os primeiros a cantar foram os ministros Paulo Brossard e Marco Maciel, caracterizados como Popeye e Olívia, que interpretaram a canção "Eu tenho a força". O presidente Arinos de Holanda ameaçou cantar a

música "Tô que tô", mas foi discretamente impedido por dona Solange, e por seu médico, o psiquiatra dr. Todorov de Holanda, com sua equipe de 10 enfermeiros.

Mas a grande sensação da noite acabou sendo o membro da Comissão, cantor, compositor e democraticamente desvairado, Cristóvam Buarque de Holanda, que fez uma magnífica interpretação das músicas "Tico-tico no fubá" e "Estão dizendo que eu voltei americanizada". Depois do recital, Buarque lembrou a importância de se lembrar Carmem Miranda e classificou sua interpretação de "uma aventura de reconstruir aqueles anos dourados que não voltam mais". Cristóvam aproveitou para homenagear o presidente Arinos, oferecendo-lhe o arranjo de frutas que ostentava na cabeça. Agradecido, Arinos afirmou que "se depender de mim, o Sr. será o futuro Reitor da Universidade de Brasília" e apelidou Cristóvam de "O pequeno notável".

## Jogadores fizeram das pernas, coração

Guadalajara (UTI) — Depois da desclassificação para a França, o vestiário do Brasil era puro desânimo. Para Zico, Sócrates e Falcão (foto), ficou a certeza de nunca mais participarem de outra copa. Agora é pendurar as chuteiras e torcer por uma nova geração de craques.

MARCELO FEIJO



## Interdisciplinaridade I

Seguindo a risca a política de integração entre os departamentos da UnB, a turma de Anatomia III promoveu uma aula especial para dissecar os corpos dos professores de Direito. Apesar do péssimo estado de conservação dos ilustres juristas, a aula foi um sucesso, dando valiosos subsídios para a turma de geriatria, que co-patrocinou o evento.



## Interdisciplinaridade II

Seguindo a risca a política de integração entre os departamentos da nossa universidade, a aluna de Nutrição, Maria dos Romédios Laxantes desenvolveu sua tese de mestrado com o valioso auxílio do departamento de Letras. Com o título: "Macarrão de Letrinhas", a aluna pretende concorrer ao prêmio máximo do concurso de literatura do macarrão M & G.

## Sapatinhos:

Interessadas em acabar de vez com o estigma de que o Curso de Serviço Social serve apenas de pretexto para esperar marido, as preadadas alunas desse departamento estão promovendo uma ampla campanha com o objetivo de atrair mais alunos do sexo masculino. E para acabar com o que elas chamam de "inescrupulosa campanha de difamação", as preadadas alunas juram que os sapatinhos de tricô que ficam fazendo durante as aulas serão doados em data oportuna a instituições carentes.



## Troca troca:

Mais uma vez o Centro Acadêmico de Comunicação muda de nome. O antigo nome, C.A. Consuelo que Badra não morde, será substituído, em homenagem póstuma a um grande comunicador, por "C.A. Flávio Cavalcanti".

## Cardápio variado:

O restaurante Natural mas nem tanto enriqueceu o seu cardápio diário. Agora você pode comer as deliciosas saladas de alpiste, tortinhas de grama e pizzas de alcachofra pelo mesmo preço tabelado da SUNAB (Superintendência Natural de Alimentos Bioenergéticos).



Ricardão:  
nessa eu  
me fudi

# Ricardão pega Aids na piscina do C.O

O jovem Ricardão, Mister Brasília 86, está revoltado. As poluídas águas da piscina do CO lhe transmitiram Aids. Irado com a sujeira da piscina, o jovem Ricardão garante que nunca mais treinará nesse local e ainda promete um processo por perdas e danos contra o comodoro do clube do CO, o senhor Ibañez Butragueño de Holanda.

O jovem Ricardão explica como contraiu o "mal do século" na piscina do CO: "Não, pô, caceta. O troço foi o seguinte: naquela manhã ensolarada, eu fui para a piscina fazer os meus exercícios diários, como sempre faço. Depois de dar uma nadadinha, me dirigi para o cano da piscina, onde costumo, com a ajuda da minha alavanca de segurança, fazer o tipo de flexão de braço mais velho do mundo. Tudo caminhava bem, quando introduzi minha alavanca de segurança pela primeira vez no cano da piscina e iniciei a primeira bateria de exercícios".

A coisa começou a esquentar daí. Louco de amor e todo molhadinho (afinal, estava dentro d'água, o cano não quis

mais soltar a alavanca de segurança do jovem Ricardão. Ele pensou até em cair em desespero, quando notou que todas as pessoas olhavam para ele. Mantendo a calma, o jovem Ricardão ficou fingindo que estava colado naquele canto da piscina porque tinha perdido ali a sua correntinha.

O professor Cantareira foi uma das testemunhas do drama do jovem Ricardão: "Não, pô, caceta. O troço foi o seguinte: o cara tava ali colado na parede procurando alguma coisa. Eu precisava começar a minha aula de natação. Então, me ofereci para entrar na piscina e ajudar o rapaz. Ai o cara se desesperou. Disse que eu não precisava me incomodar, que não sei o quê... Mas eu insisti e entrei na piscina. Ai vi que a alavanca de segurança dele tava presa no cano da piscina. Isso é terrível. Acaba com a vida de qualquer atleta".

O professor Cantareira correu para procurar o médico do CO para ajudar a soltar a alavanca de segurança. O médico correu com o professor à piscina, já com o bisturi na mão.

Quando viu o tamanho do órgão que tinha que operar, foi logo gritando: "Ah, isso aí não, pô, caceta. Eu não sou pediatra!".

Depois de duas horas de tragédia, o jovem Ricardão conseguiu afinal soltar a sua já debilitada alavanca de segurança. Alguns dias depois, começou a sentir os primeiros sintomas da cruel doença. O jovem Ricardão tem apenas três dias de vida. Ele está injuriado, já que nunca deu. O jovem Ricardão pede providências para que mais nenhum atleta sofra as consequências da má conservação da piscina do CO. O comodoro Ibañez Butragueño de Holanda, interpelado pela reportagem e pelos promotores da vara de justiça, declarou que este é o primeiro caso de Aids registrado na piscina do CO: "No, pô, cazeta. El trueço es el seguinte: nosotros ya tivemos dengue, fiebre amarela, uña encravada, pero Aids jamás. Yo fico até desconfiado da veracidad de esta história". Na dúvida, porém, Ibañez declara: "No creo en los virus, pero que los hay, hay".

# Revelação: maconha é o ópio do povo!

Continua criando polêmica o debate pela discriminação da caretice, recém-promovida pelo estudante Borbas Jebalino de Holanda, Jebalino é apoiado pelo Decano Volney "Vira, Vira, Vira" Garrafa de Holanda, que considerou o debate como "um saudável estímulo à caretice. Sexo, Drogas e Rock'in'Roll só depois da vitória da revolução socialista que eu tô fazendo".

Campim entrevistou, com exclusividade, o estudante Borbas, que está há 16 anos na UnB, acumulando conhecimento.

Campim: E aí, bicho? Tudo em cima?

Jebalino: Boa tarde, senhor repórter.

Campim: Vem cá, tá rolando um papo que tu é careta. Tu assume?

Jebalino: Não, de forma alguma (faz uma pausa enquanto solta fumaça). Eu sou maconheiro. Já experimentei a caretice algumas vezes, mas só por curiosidade. Mas acho que todos deviam ter o direito de ser caretas, acho que a caretice é um fato que existe de forma dissimulada, hipócrita.

Campim: Mas e o argumento que a caretice vicia, e pode até matar?

Jebalino: (Babando de irritação). Isso não tem o mínimo embasamento científico. Como diz o Decano Volney de Holanda, a caretice não é mais nociva à saúde que o álcool, ou do que a cocaína que você está cheirando agora. Não acho que a caretice vicia. Tenho um monte de amigos caretas que podem voltar a se drogar na hora que quiserem. É uma questão de opção. Não creio que a caretice mate, mas acho que o suicídio é um direito.

Mas a polêmica levantada não se encerra aí. Na verdade, o que está sendo discutido é o direito de existência de uma minoria. Felizmente, o desvairadamente democrático reitor da UnB, Cristovam Buarque de Holanda, apóia este tipo de debates, juntamente com Volney. Fala Volney: "O magnífico PhD que esta na reitoria é bandeiradamente democrata. Não tem um passado tão legal quanto o meu, nem um futuro tão brilhante, mas ele representa a transição. Quando eu for reitor, a vanguarda do movimento docente, discente e dos funcionários, a vanguarda popular, eu, a UnB estará finalmente numa boa. Um passado como o meu, não é qualquer um que vai conseguir, não Senhor. Nesta garrafa tem molotov" — conclui Volney, apontando para a própria cabeça.

ANA PAULA PADRAO



# A Reformade Sir Ney chega à UnB

LUIZA VENTURELLI



Após a expulsão do seu único grileiro, o capitão Azevedo de Hollanda, que por oito anos não teve direito a usucapião, a Universidade de Brasília (UnB) pretende promover uma Reforma Agrária. Já, assentando ainda este ano mil famílias em seu vasto latifúndio. As famílias beneficiadas serão as de funcionários carentes da UnB e daquelas senhoras com lordoses que trabalham emborcadas na manutenção da grama. Elas passaram a trabalhar agora na horta coletiva que será implantada no Campus, visto que já estão condicionadas a trabalharem naquela posição. Já a horta do português Abílio, que servia para alimentação noturna dos ceolinas e que hoje se encontra perdida no mato, será dividida entre os ceolinos carentes. No Plano de Reforma

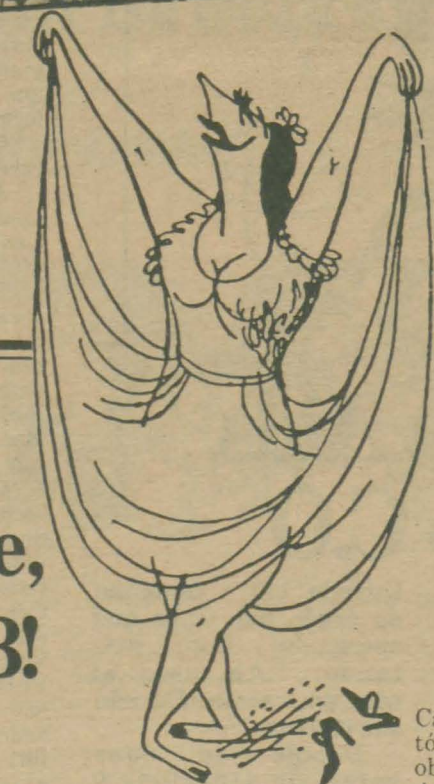
Agrária da UnB está a instalação de uma fazenda-modelo para a pecuária extensiva, que dará leite às crianças que perambulam pelo campus.

Ao contrário da UDR que vende bois para barrar a Reforma de Dantes, que não é como antes, a UnB para não usar o dinheiro do BIRD, vai vender aos ferros-velhos locais, os sofisticados equipamentos científicos importados, que não são utilizados por falta de técnicos, peças de reposição e até manuais. Entre o equipamento, estão torres de destilação de oito metros de altura, telescópios de longuíssimo alcance, computadores, professores, alunos e funcionários inativos. Parte desse equipamento é, verdade, está obsoleta e condenada ao lixo. Enquanto outra parte, para funcionar, terá de passar por uma revisão completa.

## Não é avião, não é dengue, é a nova UnB!

O desvairismo democrático é a nova corrente política da UnB. Os partidos estão perplexos, a Igreja vê a coisa com as devidas reservas cristãs, mesmo os simpáticos à Teoria da Libertação. Até os estudantes, acostumados à Vanfarra Universitária, não engolem bem o que tem acontecido no reduto do Campus. A coisa tem fundo erótico-marxista, uma combinação até então impensada mesmo pela Nova República, perita em misturar as mais indigestas receitas.

A coisa se alastra mais rápido do que a dengue. Da reitoria ao minhocão foi um pulo



**Sex-shop no shopping center de vivência. Comércio tenta acompanhar tendência**

e agora a epidemia parece incontrolável, atacando o estômago da moça no Bandeirão e até os olhos, uma nova linha proposta pelo Cineclub de Dois Candangos, que decidiu encampar de vez a idéia e inaugurou uma sessão erótica com strip-show e filmes avassaladores do decantado Setor do Lixo, tão conhecido dos frequentadores dos subterfúgios do Conic.

A primeira contratada para a Vanfarra cineclubista foi a professora Adalgisa Álvares

Cabral, que decidiu fazer História, cansada de decifrá-la em obscuros porões de bibliotecas. A coisa tem dado tanto público, que já se pensa até em transferir o Cinelcube para o auditório da Reitoria, que conta com um equipamento de som bem mais fiel aos suspiros extáticos da platéia. Já se pensa até em rodar um filme, produzido e financiado pelo Desvairismo, cujo título, "Estado de Coito", já foi até estabelecido pelo famoso diretor Costinha Gravas, que além de cineasta é membro do Diretório Carnal dos Estudantes.

## Coluna Gastronômica Isaac Rothmann

(um inglês que manja de comida)

Estava confortavelmente tomando o meu uísque com água de coco, quando Mmle. Pauline bateu em minha porta. Mmle. havia acordado com uma vontade incrível de comer pratos soviéticos e ansiava por uma companhia refinada.

A comida soviética não me enchia os olhos. Tentei fazer ver a Mmle. Pauline que os restaurantes soviéticos no Brasil costumam amenizar os pratos, compondo com temperos brasileiros nem sempre progressistas. Mas Mmle. queria porque queria comer um "Enfant Terrible". E como não se render aos desejos de uma mulher que insiste em comer um garotinho?

Por sermos completamente ignorantes em matéria de cozinha russa, resolvemos procurar num roteiro turístico o restaurante com o nome que mais nos agradasse. Optamos pelo Chez Nobil.

O restaurante era agradável, ainda que os fregueses fossem poucos e nem pudessem cantar muito alto a Inter-

nacional. Mas cantavam e afundavam as caras nos seus pratos de sopa e outros quitutes. O atendimento foi rápido. Para satisfazer os desejos de Mmle. Pauline, pedimos ambos "Enfant Terrible". Eu, "au vin", ela, "au champignon". Para beber, coquetel Molotov.

Os meus temores quanto à cozinha soviética não foram em vão. O prato de Mmle. estava insosso e o meu, ácido demais. Para aumentar os nossos sofrimentos, o coquetel Molotov de Mmle. estava carregado demais na glicerina, o que lhe causou males mais que intestinais no organismo.

Ao final, depois de catar os restos de Mmle. Pauline, voltei para casa com uma vontade incrível de comer cachorro-quente e tomar Coca-cola. (Isaac Rothmann é pesquisador e pós-graduado em gastronomia. Sua tese — "A importância do molho tártaro nos traumas de infância dos peixes do Mediterrâneo" — está traduzida em 216 línguas).

## Sucuri come homem e GDF investiga

GDF (Grupo de Desinteresse Federal) vai realizar uma expedição ao Lago em busca da sucuri gigante.

A expedição contará com especialistas em cobra e seu chefe já designado será o general Newton Pus de Hollanda. Segundo o idealizador da expedição, José Desaparecido de Hollanda e Aparecido Misteriosamente em Brasília, a tal sucuri vista no Lago, no começo do ano passado, comendo um homem — que na época suspeitou-se ser o assassino do jornalista Mário Eugênio —, terá de ser encontrada de qualquer jeito, uma vez que anda dificultando o trabalho da polícia, desaparecendo com os assassinos. Porém, depois que os matadores do jornalista foram identificados, as autoridades de Brasília estão desconfiadas que a vítima da sucuri seja o professor de anatomia infantil Buzaidinho de Hollanda.

